

**REPRESENTAÇÕES
SOCIAIS SOBRE
EDUCAÇÃO E EUGENIA
EM PERIÓDICOS QUE
CIRCULAVAM EM
PERNAMBUCO (1929 A
1934)**

Édla Silva [*]

Adlene Silva Arantes [**]

[*] Licenciada em pedagogia pela Universidade de Pernambuco e pesquisadora do Grupo de Estudos Étnico-racial e Ambiental- GERA.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3306-9496>

E-mail: edlakerollayne@gmail.com

[**] Professora Adjunta da Universidade de Pernambuco - UPE - Campus Mata Norte (FFPNM), atuando na graduação e no Mestrado Profissional de Educação-PPGE. Lidera o Grupo de Estudos Étnico-racial e Ambiental- GERA.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7007-0237>

E-mail: adlene.arantes@gmail.com

RESUMO

Buscamos, neste texto, compreender as representações sociais sobre educação, higiene e eugenia, presentes em periódicos que circulavam em Pernambuco no final da década de 1920 e início da década de 1930. A presente pesquisa se baseia no conceito de representação de Roger Chartier (1990) e na concepção de eugenia apresentada por Nancy Leys Stepan (1991). Utilizamos como fontes a Revista Médica de Pernambuco, o relatório da Diretoria de Higiene - apresentado por Waldemir Miranda em 1929, edições do Diário de Pernambuco do ano de 1930 e edições do Boletim de Eugenia no ano de 1929. Os dados demonstraram que a educação deixa de se preocupar apenas com o intelectual do estudante e passa a levar em consideração os fatores constitucionais ou biológicos dele. Considerando esses dados, concluímos que essa preocupação com o físico do estudante era visto como sendo um senso de responsabilidade com a sociedade. Assim, era necessário repensar a educação e os espaços escolares para impedir que um potencial fosse perdido.

Palavras-chave: Eugenia. Periódicos. Representações sociais.

INTRODUÇÃO¹

A sociedade brasileira no início do século XX passou por mudanças causadas pela Revolução Industrial e, dentre essas mudanças, verificou-se o aumento da concentração populacional. Essa concentração gerou alguns problemas sociais, como as péssimas condições de moradia, saneamento básico e conseqüentemente o aumento das epidemias.

A partir desse cenário, o Brasil começa a ser repensado, pois, de acordo com Shneider e Meglhoratti (2012), ele entra numa transição de uma sociedade oligárquica para urbano-industrial. Para isso, seria necessário rever a educação nacional e criar uma estratégia para a diminuição dos males sociais. Nesse contexto várias doutrinas racistas foram propagadas no Brasil, pois tais teorias:

apregoavam a desigualdade das raças humanas (determinismo racial), alguns intelectuais² e cientistas brasileiros procuraram reagir e elaboraram uma ideia própria aplicável à realidade brasileira. Tratava-se da teoria se tornou conhecida como a “tese do branqueamento” e dominou a mente de intelectuais e da elite econômica brasileira no final do século XIX e no início do século XX. Essa tese criou a ideia de “arianização” do Brasil e, segundo seus teóricos, ocorreria com o decréscimo da população de mulatos e o desaparecimento dos negros no país. (MIRANDA, C. 2009, p.295).

Segundo Munanga (2004, p.78) mais precisamente a partir de 1930, “opera-se no Brasil uma evolução que buscava novos caminhos na orientação política do país, tendo como preocupação principal o desenvolvimento social”. Nesse sentido, as teorias raciais não davam mais conta de explicar a realidade brasileira. Surge então, a figura de Gilberto Freyre retomando a temática racial, “até então, considerada não apenas como chave para a compreensão do Brasil, mas também para toda a discussão em torno da questão da identidade nacional” (MUNANGA, 2004, p. 78). Freyre muda o eixo da discussão, realizando a transição do debate enquanto “raça” para o debate sobre a cultura, distanciando a cultura do biológico,

¹ Artigo resultante do projeto de iniciação científica e parcialmente apresentado no V CONEDU em Recife, no ano de 2018.

² Entre os quais destacamos Oliveira Viana, que defendia os privilégios dos brancos em relação aos demais membros da população; Silvio Romero, para o qual “o atraso e as qualidades psicológicas e raciais do povo brasileiro poderiam melhorar através da imigração europeia para o Brasil que, por sua vez, estimularia seu branqueamento”; Nina Rodrigues que afirmava que a inferioridade dos africanos tinha sido determinada acima de qualquer dúvida científica (MIRANDA, C.2009, p.296).

eliminando um leque de dificuldades colocadas anteriormente a respeito da “herança atávica do mestiço”. (MUNANGA, 2004, p.78-79).

O que podemos dizer em relação à educação nesse período? Teixeira (1976) afirma que o sistema educacional, até a década de 1930, era selecionador e não formador. Existia o ensino primário gratuito, porém ineficiente. Para a grande parte da população, que tinha direito apenas ao ensino primário, existiam as escolas normais e profissionalizantes. Assim, o sistema vigente promovia a imobilidade social.

É nesse cenário de mudanças políticas, sociais e econômicas, onde a Europa passava por uma crise sanitária, que temos a emergência do movimento eugênico. O termo “eugenia” foi criado por Francis Galton (1822-1911) para designar “o melhoramento da raça humana através da reprodução seletiva, em sua obra *Inquires to human faculties* (1883) (SANTOS, 2008).

Baseado em estudiosos, como Thomas Malthus, Jean-Baptiste de Lamarck e Charles Darwin, Galton buscava relacionar características físicas e caráter, separando-as em grupos para suprimir a reprodução dos ruins e encorajar a dos “bem-dotados” (SCHNEIDER E MEGLHIORATTI, 2012).

Diante do exposto, o objetivo deste texto é compreender as representações sociais sobre educação, higiene e eugenia, presentes em periódicos que circulavam em Pernambuco no fim da década de 1920 e início da década de 1930. Para tal, foram analisados os exemplares do Boletim de Eugenia (1929), os volumes do Diário de Pernambuco referentes ao ano de 1930, a Revista Médica de Pernambuco (1934) e, ainda, o Boletim da Directoria de Higiene (1931).

A presente pesquisa se baseia no conceito de representação de Chartier (1990). Este autor defende que os discursos captam e estruturam o mundo, permitindo-nos compreender a relação entre discurso e as práticas culturais que, para o autor, são estratégias que permitem pensar e produzir a realidade. Nessa direção, as percepções sociais não são discursos neutros e sim estratégicos. Tendem a impor autoridade à custa dos menosprezados para legitimar escolhas e condutas. Portanto, as lutas de representações são tão importantes quanto as lutas econômicas. A partir delas, é possível assimilar os instrumentos a partir dos quais determinado grupo impõe, ou tenta impor, sua noção de mundo social.

Também nos baseamos na concepção de eugenia apresentada por Nancy Leys Stepan (2005). Para a autora, o movimento eugênico não pode ser tratado de forma indiscriminada e única. A eugenia estaria dividida em três vertentes: eugenia preventiva, positiva e negativa, sendo a preventiva a corrente mais popular dentre os eugenistas latino-americanos. Baseados nas teorias neolamarckianas, os adeptos desta corrente defendiam a transmissão hereditária das características adquiridas. O resultado de tal crença foi a adoção de diversas reformas sociais e reformulação do espaço físico para adequação às necessidades biológicas dos sujeitos.

Essa reformulação do espaço físico era trazida nas questões de higienização. Gondra (2015) afirma que, para os eugenistas, o prédio escolar deveria se afastar dos ambientes insalubres e aglomerados, oferecendo um ambiente saudável e produtivo. Além da localização do prédio, o autor ressalta que existia a necessidade de que a escola tenha uma edificação exclusiva para seu funcionamento e também adequada às suas atividades. Em outros termos, “a alimentação, o sono, o banho, as roupas, recreios, aulas de ginástica, a inteligência, moral e até mesmo excreções corporais dos alunos deveriam ser observados e regulados para atender o modelo higiênico” (GONDRA, 2015, p. 527).

METODOLOGIA

A metodologia da presente pesquisa está baseada nos pressupostos da História Cultural, que se dedica às diferenças, debates e conflitos, bem como aos interesses e tradições de um povo. Ela é vista como uma tentativa de incluir no estudo do passado questões que eram “esquecidas” ou tidas como “difíceis” de compreender. Assim, temos o deslocamento da suposição de uma racionalidade imutável para o crescente interesse nos valores defendidos por grupos particulares em diferentes comunidades e períodos históricos (BURKE, 2008).

Para Silva (2003), a imprensa é de extrema importância para o desenvolvimento de pesquisas em História da Educação. De acordo com ela, os jornais aproximam o social e o diário, pois eles são escritos de forma leve e de fácil compreensão ao público. Por sua vez, Araújo (2002) afirma que a imprensa periódica possui papel relevante na educação do homem, auxiliando a compreender como este recria sua cultura. Porém, é válido ressaltar que a imprensa não está livre de sensacionalismo e manipulação. Suas publicações se constituem

como partidárias, pois a imprensa não deixa de ser uma empresa. Faria Filho (2002, p. 104) aponta o jornal como “uma importante estratégia de construção de consensos, propaganda política e religiosa”.

Como já mencionado, as fontes utilizadas para a nossa pesquisa foram: a *Revista Médica de Pernambuco*, localizada no laboratório de pesquisa e ensino de história – LAPEH, vinculado ao departamento de história da UFPE; o *Boletim da Directoria de Higiene*, localizado na Biblioteca Pública do Estado de Pernambuco – Presidente Castelo Branco – BPE; as edições do *Diário de Pernambuco* do ano de 1930, disponíveis na Hemeroteca Digital Brasileira da Fundação Biblioteca Nacional, e o *Boletim de Eugenia*, disponível no domínio do Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Higiene Mental e Eugenia – GEPHE (UEM – Universidade Estadual de Maringá).

A respeito das fontes citadas, mesmo que todas façam parte da imprensa periódica, é preciso entender que elas fazem parte de nichos diferentes. O Boletim de Eugenia foi um periódico escrito principalmente por médicos que buscavam propagar os ideais eugênicos na sociedade brasileira. Por este motivo o boletim não pretendia atingir apenas o público médico-escolar, mas qualquer cidadão que, segundo o fundador da revista, desejasse entender um pouco mais sobre o assunto.

O *Boletim da Directoria de Higiene* e a *Revista Médica* possuíam um público mais restrito e específico, que seria principalmente formado por médicos, mas também precisaria chegar naqueles que administravam as escolas para que sua equipe estivesse sempre de acordo com as recomendações sanitárias. Estas duas têm um caráter bem diferente do *Diário de Pernambuco*, fonte que integra este trabalho. Porém, é de grande importância realizar um diálogo entre o que diziam os médicos e o que se anunciava para a sociedade.

O Boletim de Eugenia foi criado em 1929 por Renato Kehl e circulou no Brasil e em Pernambuco³ entre os anos de 1929 e 1933. Possui um total de 42 exemplares que, a princípio, eram editados mensalmente. A partir do seu quinto exemplar, em maio de 1929, o boletim foi incorporado à *Revista Medicamenta* como uma separata, mas mantendo, ainda, a triagem avulsa de mil exemplares mensais (BONFIM, 2017). Permaneceu nesse esquema até

³ A revista era distribuída por meio do serviço postal. Os interessados enviavam uma carta solicitando a uma edição ou a assinatura.

1932, quando deixou de fazer parte da *Revista Medicamenta* e passou a ser uma publicação trimestral, tendo como novos diretores o Dr. Octavio Domingues e o Dr. Salvador de Toledo Piza Jr.

Esse periódico tinha como objetivo “apenas auxiliar a campanha em prol da Eugenia entre os elementos cultos e entre os elementos que, embora de média cultura, desejam também orientar-se sobre o momentoso assumpto”⁴ (KEHL, 1929a, p.1). Fruto de uma viagem que Kehl fizera ao norte da Europa, o boletim propagava as ideias da ciência de Galton e era editado com os recursos particulares do próprio Kehl.

Em suas páginas, o Boletim de Eugenia possuía pequenos artigos sobre os ideais eugênicos, pequenas notas explicativas e notícias relacionadas à ciência de Galton. Além desses artigos e notas, propagava-se a criação do Instituto Brasileiro de Eugenia:

O nosso instituto, pois, relativamente ao Instituto de Eugenia se limitará a lançar apenas a semente, até que um milagre se faça, - surgindo, então, o novo templo ode se cuidará da nacionalidade brasileira, como o faz o Instituto de Eugenia de Berlin, para nacionalidade germânica. Já temos o Instituto Agrônômico e o Instituto veterinário, sendo bem possível que dentro de alguns annos, de muitos annos, depois que ficarem resolvidos os graves problemas da *broca* do café e da *broca* do gado, se cogite então de fundar um Instituto de Eugenia destinado ao estudo dos mios de combater as *brocas* do gênero humano (KEHL, 1929b, p. 1, grifos do autor).

No entanto, tal instituto nunca chegou a ser criado. Em seu lugar, no ano de 1931, foi criada a Comissão Central Brasileira de Eugenia (CCBE). A CCBE era uma organização particular formada por dez membros que servia como ponto de convergência e irradiação dos ideais eugênicos. Possuía Renato Kehl como seu presidente e, dentre os integrantes, estavam personalidades famosas no debate das questões eugênicas. Dentre esses membros, destacamos o Dr. Ernani Lopes e o Dr. Belissário Penna, na época, diretor da Liga Brasileira de Higiene Mental e diretor do Departamento Nacional de Saúde Pública, respectivamente (BONFIM, 2017).

A seguir, nos propomos a estabelecer um diálogo entre as ideias propagadas no Boletim de Eugenia, que representariam as teorias do projeto eugenista, e seu reflexo nos anúncios escolares de Pernambuco, bem como nos dados apresentados pela Directoria de Hygiene e da Revista Medica de Pernambuco a respeito da educação no Estado.

⁴ Ao transcrever os discursos, optamos por manter a grafia original das fontes.

A EDUCAÇÃO E O MOVIMENTO EUGÊNICO NOS ANOS DE 1929 A 1934

Antes de começar a abordar a relação educação-eugenismo, é importante lembrar a diferença entre eugenia e eugenismo, segundo o texto de John Edgar, no Boletim de Eugenia:

Eugenia é uma ciência de fronteiras perfeitamente delimitadas. Ela tem por fim melhorar e proteger a espécie, pelo melhoramento e pela proteção das boas sementes e de seus portadores. [...] Eugenismo é a aplicação prática, social e individual das medidas que concorrem para o melhoramento humano (EDGAR, 1929, p. 2).

De acordo com a fala de Kehl (1929c, p.1), eugenia seria a ciência que tem como fim preservar as boas disposições hereditárias. Cuidaria da seleção e “higienização” das sementes e genes humanos, bem como seleção e cultivo da “boa espécie”, a partir das leis da hereditariedade. Por sua vez, o eugenismo se constitui como a aplicação social da eugenia. É o cuidado da educação, saneamento, higiene e preparo físico para desenvolvimento e benefício da prole humana. A eugenia é, portanto, uma ciência experimental criada por Francis Galton cujo objetivo é o desenvolvimento “físico e mental” do ser humano. Já o eugenismo é uma filosofia originada na Grécia (embora ainda não recebesse tal nome).

Um assunto recorrente no boletim era a relação do eugenismo e do casamento. Já que a eugenia seria a “seleção” das sementes humanas e o eugenismo a sua aplicação social, cria-se certa preocupação com o matrimônio, a maternidade consciente e a educação sexual. Desse modo, o casamento, para os eugenistas, deveria acontecer sempre entre grupos específicos, geralmente da mesma “raça”. Eram consideradas uniões indesejáveis aquelas em que um dos conjugues possuía doenças venéreas ou hereditárias. Assim, muitos cientistas defendiam e propagavam a ideia do exame pré-nupcial, que serviria para alertar os futuros parceiros a respeito de tais doenças.

A educação sexual foi um tema constante no Boletim de Eugenia. Apostava-se numa educação que, a par do ensino correto dos meios reprodutivos, trataria das questões relacionadas às doenças venéreas, à prostituição, aos males congênitos e hereditários e à responsabilidade cívica de cada um na busca de uniões matrimoniais entre indivíduos “aptos”, submetendo-se e, ao mesmo tempo, exigindo do parceiro o exame pré-nupcial como forma de se evitar a proliferação de indivíduos “disgênicos” (BONFIM, 2017, p.77).

O matrimônio deveria, sob o ponto de vista defendido pelo eugenista Luiz Huerta (1929) no Boletim de Eugenia, ser convertido em assunto escolar. A educação sexual, por sua vez, teria como finalidade conscientizar os estudantes sobre as doenças que poderiam ser transmitidas tanto aos parceiros quanto aos seus filhos, servindo como fator para impedimento das boas condições físicas e cognitivas do homem.

Ao se tratar da educação sexual para crianças, o Dr. José de Albuquerque escreve na Revista Medica de Pernambuco que esta deve ser dependente das oportunidades, aproveitando das situações e curiosidades da criança para abordar alguns assuntos. Para Albuquerque, é extremamente importante que essas perguntas sejam respondidas com naturalidade:

Em uma palavra e nos servindo da expressão freudiana, assim se procedendo, ter-se-á evitado o recalçamento da sexualidade e como consequencia, ter-se-á feito a profilaxia, de um grande número de nevroses e psiconevroses, que na idade genital vão levar suas manifestações ao dominio da sexualidade, concorrendo para aumentar a cifra de enfermos, que povoam os consultorios medicos (ALBUQUERQUE, 1934, p. 257).

Essa naturalidade para tratar dos assuntos sobre sexualidade, para o Dr. Albuquerque, é muito importante, pois sem ela as crianças iriam se pôr a imaginar os motivos pelos quais suas perguntas não foram respondidas ou, até mesmo, porque foram tratadas com incômodo. As “psiconervoses”, não seriam o único problema, uma vez que as crianças e adolescentes poderiam buscar as respostas com amigos, recebendo informações inadequadas. Então, fornecer as informações de forma objetiva e correta era fazer uma profilaxia de distúrbios.

Retomando os ideais eugênicos, uma frase que pode resumi-los é: “quem é bom, já nasce feito”. Ao citar tal frase, entre aspas, porém sem referência, Renato Kehl (1929d, p. 1) fala que os homens se dividem em três categorias: gente inata e intrinsecamente humana, gente domesticável e gente doente ou indomável. O autor afirma que a pedagogia precisa conhecer a personalidade de cada indivíduo para poder avançar em sua educação. Fala, ainda, que os métodos educativos modernos são fortemente influenciados pela psicologia, entretanto, deveriam estar atentos também aos fatores “somáticos e constitucionais”. A educação estaria impossibilitada de “domesticar” um indócil, cuja constituição é resultante de um processo hereditário irremovível. Vejamos:

Com a procreação ficara determinadas para o indivíduo, em formação, as suas futuras possibilidades de evolução, na maior parte, e de um modo regular. E' pois de importância decisiva para a criança como estão formadas as massas de herança que recebeu do pae e da mãe. São estas de boa qualidade, teremos um homem bem dotado e biologicamente "bem-nascido"; se, ao contrário, forem más, o indivíduo será mal dotado ou "degenerado". Nenhuma força poderá alterar ali alguma coisa, pois não podemos transformar a materia e as forças ligadas às substancias hereditárias; nenhum pedagogo ou medico o poderá fazer (LUNDBORG, 1929, p. 3).

Portanto, sob essa ótica, o papel da educação seria o de buscar o desenvolvimento dos indivíduos a partir de suas particularidades. Baseado em tais ideais, era possível identificar nas escolas a seleção e separação dos alunos para melhor trabalhar suas habilidades.

Na verdade, cada passo, na vida social, não é marcado por uma actividade que concorre para a selecção? Quando um agrupamento está em perigo, escolhem-se os que são capazes de melhor defende-lo. O recrutamento de um exército é uma selecção de indivíduos de caracteres physicos determinados, de saúde sufficiente e possuidores de um certo grau de intelligencia. Se é necessário fazer uma selecção nesses casos, deve-se admitir também a necessidade de uma selecção para o fim de melhorar a humanidade. Nas usinas, o patrão exige o dos operários determinadas qualidades physicas e intellectuaes. O exame escolar não é mais que uma selecção que tem por fim tirar proveito de um ensino mais complexo (DECROLY, 1929, s.p.).

Para tal, seria necessária a presença de um médico escolar que iria determinar as "aptidões intelectuais" de cada aluno. A partir dessas aptidões, o ensino seria individualizado e adaptado ao estado da criança, buscando a rapidez do seu desenvolvimento. Mais à frente, o professor Decroly cita no Boletim o exemplo da Bélgica, onde existem instituições cujo fim é favorecer o desenvolvimento dos bem dotados.

Em um âmbito local, no Estado de Pernambuco, o Médico Waldemir Miranda⁵ apresenta ao interventor do Estado de Pernambuco (Carlos de Lima Cavalcanti) um relatório em que lista as atribuições do serviço médico-escolar:

- 1.º --- Inspeção dos prédios, mobiliário e material escolares;
- 2.º---Observação do desenvolvimento e da cultura physica da creança baseada no exame individual e obrigatório do escolar e na organização de uma ficha sanitária;
- 3.º---Prophylaxia das doenças contagiosas na escola;
- 4.º---Educação sanitária dos professores e alumnos;

⁵ Médico, professor, e ensaísta brasileiro. Foi o fundador e primeiro diretor da faculdade de Ciências Médicas de Pernambuco (1950-1956) e criou também o Instituto de Radioterapia Waldemir Miranda. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Waldemir_Soares_de_Miranda>. Acesso em 20 out. 2020.

5.º---Tratamento dos escolares enfermos;

6.º---Assistencia aos débeis e anormaes (MIRANDA, 1930, p. 4).

Ainda no relatório, que foi publicado pela Imprensa Oficial, podemos encontrar discursos sobre a necessidade do médico escolar. No texto, Miranda afirma que as crianças, por estarem em desenvolvimento, seriam mais propensas a contrair doenças “epidêmicas”. Segundo o Waldemir Miranda, não se tratava de uma política para criar empregos “agradáveis” para a classe, mas da necessidade de “resolver dos destinos da raça, velando a cultura das novas gerações sob o tríplice aspecto do desenvolvimento physico, espiritual e moral” (MIRANDA, 1930, p. 4).

De acordo com Arantes (2016), homens e mulheres foram avaliados e examinados para estabelecer parâmetros físicos “normais” e “ideais”. Nas escolas, os médicos iriam examinar e classificar os alunos a partir de medidas antropométricas e testes de inteligência. A classificação das crianças tinha como objetivo a criação de classes homogêneas para “facilitar a aprendizagem” (p. 363-364).

Na Revista Medica de Pernambuco, podemos encontrar exemplos do trabalho dos médicos escolares no Recife. No volume 9, o Dr. Gil de Campos aponta uma relação entre distrofias dentárias e sífilis ou hipotireoidismo. Assim, o Dr. Campos chama a atenção para a alta incidência dessas distrofias em duas comunidades escolares de Recife:

Examinando escolares domiciliados nos distritos de Magdalena e Afogados, chamou-nos a atenção a incidencia grande de anomalias dentarias. Dentro de uma média aproximada de 40 e 50% dos alunos examinados, encontramos distrofias dentarias. Em maior número o tuberculo de Carabelli nos aparecia (CAMPOS, 1934, p. 169).

Mesmo não encontrando discursos que tratem diretamente sobre estes problemas dentários, a associação dos mesmos à sífilis nos chama atenção devido ao fato dos eugenistas recomendarem exames pré-nupciais e desencorajarem o casamento de portadores de doenças congênitas. Seria, então, a divulgação desses dados e a relação das distrofias dentárias com a sífilis uma forma de alertar para a necessidade de “higienização” das relações conjugais? Em outro debate levantado na Revista Médica, no seu quarto volume, o Dr. Gil de Campos e o Dr. Armando Macedo escrevem sobre a “Contribuição à antropometria do escolar recifense” (1934, p. 125), título do artigo em que os autores debatem a respeito do assunto e apresentam

dados de 934 alunos da cidade do Recife. Nesse texto, os autores apontam uma relação entre a inteligência escolar e o desenvolvimento físico dos escolares, além de apontar os fatores que influenciam seu desenvolvimento.

O crescimento da criança é apontado como condicionado à múltiplas causas, como “influência do meio, herança, enfermidades” (GLASGOW; EDIMBURGO, 1934, p. 126). Ambos chamam a atenção, ainda, para a miséria e falta de higiene, e citam que, para Glasgow e Edimburgo, “as menores cifras correspondiam aos escolares de mais precária situação econômica” (1934, p. 126).

A respeito da importância da antropometria, o artigo cita Binet:

O exame e a medida do desenvolvimento físico das crianças não têm somente um interesse de pedagogia; todas essas questões, quando bem compreendidas, ultrapassam os interesses próprios da escola e tomam uma verdadeira importância social, pois metem em jogo o futuro da raça e a organização da sociedade (BINET *apud* CAMPOS e MACEDO, 1934, p. 130-131).

Novamente, vemos a defesa da importância da higiene e eugenia para a manutenção dos interesses sociais e em prol do constantemente citado futuro da raça. Retomando a suposta relação entre a inteligência escolar e o desenvolvimento físico, no artigo, os autores assumem a existência de uma minoria que aponta uma fragilidade neste argumento. Sendo assim, para Campos e Macedo (1934, p. 130-131), “os dados anatômicos e fisiológicos não nos autorizam a afirmar com segurança o diagnóstico pedagógico”.

Como pudemos ver anteriormente, nos argumentos de que a miséria afeta o desenvolvimento da criança, ainda que baseado no positivismo, o ideal eugênico não desconsiderava o meio social. Mesmo que não se possa mudar o que estava geneticamente determinado, o meio teria influência para o desenvolvimento do indivíduo. Assim, uma educação inapropriada poderia inibir determinadas habilidades ou ocasionar num desperdício de boas qualidades hereditárias.

Não devemos esquecer que más condições sociais e educação mal dirigida peoram indivíduos com boas disposições, annullam-n’as mesmo ou concorrem que estas não sejam levadas a bom termo. Más condições sociais e educação defeituosa collocam esses indivíduos em condições tão difíceis ou inferiores, que elles morrem prematuramente ou não têm oportunidade de constituir família, perdendo-se, desse modo, as suas boas qualidades hereditárias, o que deve ser considerado uma perda para a nação. (LUNDBORG, 1929, p. 4).

Nas páginas do Diário de Pernambuco, é possível notar a influência do movimento eugênico a partir dos anúncios de escolas. Consultando os volumes referentes aos meses de janeiro e fevereiro do ano de 1930, foram encontrados anúncios de seis escolas localizadas no estado que ressaltavam a existência de um médico escolar e/ou instalações próprias e higienizadas, como se pode ver nos exemplos abaixo:

INSTITUTO SPENCER
(EX-AYRES GAMA)
INTERNATO – SEMI INTERNATO – EXTERNATO
DIRETOR – J. O. DE BARROS
Grande estabelecimento de educação e ensino, mobiliado de acordo com a orthopedia e hygiene.
HYGIENICOS DORMITORIOS – AMPLO RECREIO
Alimentação sadia e abundante de acordo com as prescrições do sabio brasileiro
DR. LUIZ PEREIRA BARRETO [...] (INSTITUTO SPENCER, 1930, p. 9).

Gymnasio do Recife
Rua da soledade N.º 315
Director – Pe. Felix Barreto. Vice-Director – Prof. Andre Miranda
Chefe de Disciplina – Dr. Octavlo Amorim
Secretário - Alvaro da Costa Lins
Director espiritual – Pe. Getulio Cavalcanti
Medico do internato – Dr. Jorge Bittencout [...]
O Gymnasio funciona em predio proprio, dispõe de bõas e arejadas salas de aulas, vastos salões, grande e arborisado parque para o recreio dos collegiaes [...] (GYMNASIO DO RECIFE, 1930, p. 11).

O fato de a escola propagar que atendia aos preceitos higiênicos demonstra as disputas que eram travadas para alcançar o público escolar. A educação pode ser entendida como “importante para o projeto de civilização e nacionalização do ensino no Brasil republicano” (Arantes, 2014, p. 52). Portanto, a escola se manifestava como um dos instrumentos para o eugenismo. O objetivo de anunciar os ideais higiênicos nos jornais exemplifica o que Chartier (1990) afirma sobre os discursos não serem neutros. O espaço escolar seria essencial para a propagação das ideias, pois para os eugenistas, este seria o meio de disseminar essa ciência na sociedade.

Considerando que o meio também seria decisivo no desenvolvimento do indivíduo, os prédios escolares deveriam ser bem iluminados e permitir a circulação do vento. As instalações escolares deveriam possuir mobiliário adequado e espaço próprio para o desenvolvimento de atividades físicas. Esta necessidade de pode ser notada no relato da visita do governador do estado, Estácio Coimbra, ao Gymnasio Pernambucano. Em janeiro de

1930, é publicada no Diário de Pernambuco uma notícia sobre essa inspeção em que se destacam as reformas realizadas na instituição, que passa a ter “salões de aulas amplos, claros e arejados”, além de uma “melhor distribuição dos focos de luz”. Na data da visita, o diretor da instituição era o Dr. Ulysses Pernambucano⁶, que fora elogiado por propor na referida escola uma “reforma material e moral”.

Outro anúncio que chama a atenção é o do Gymnasio de Garanhuns, fundado pelo Cônego Dr. Bengino Lyra. No anúncio, cita-se a preocupação conjunta do desenvolvimento físico com o aperfeiçoamento escolar e, mais uma vez, nota-se a necessidade de ressaltar que as instalações do gymnasio são próprias, “com todos os requisitos de hygiene e conforto” (DIÁRIO DE PERNAMBUCO, 1930). O clima serrano da cidade também ganha destaque no anúncio e a escola é chamada de sanatório para a infância.

Além de ter como finalidade o melhor desenvolvimento da criança, a partir de suas habilidades e limitações, a educação possuía cunho propagador de um “novo senso de responsabilidade para com a sociedade e com a raça”, melhorando a conduta dos indivíduos e das sociedades (EDGAR, 1929, p. 2). Em uma pequena nota extraída da *Folia Médica* de 30/04/1929 e publicada no Boletim de Eugenia no exemplar n. 6-7 (os volumes foram publicados em conjunto no mês de julho), Leonardo Darwin⁷ defende a introdução da biologia nos currículos escolares, pois a constituição biológica das futuras gerações deveria estar alinhada aos interesses nacionais.

Assim, o movimento eugênico, que tratava da educação como forma de conscientização, acabou influenciando diversas reformas educacionais no Brasil durante os anos 20 e 30 (PESSOA, 2015). Dentre elas, verifica-se a reforma Sampaio Dória⁸, no estado de São Paulo, a de Anísio Teixeira⁹, na Bahia, e a de Carneiro Leão, em Pernambuco¹⁰.

No caso de Pernambuco, é possível notar os ideais eugênicos presentes na reforma de Carneiro Leão, quando ele afirma que as crianças consideradas anormais deveriam estudar em locais apropriados e preferencialmente longe das crianças "normais". As duas disciplinas

⁶ O responsável pela reforma do ensino primário no estado de Pernambuco em 1923 que instituiu a figura do médico escolar e da visitadora(enfermeira) nas escolas primárias isoladas e nos grupos escolares. (Arantes, 2016)

⁷ Filho do naturalista Charles Darwin, ele foi militar, político e economista e Presidente da Real Sociedade Geográfica.

⁸ Político, jurista e educador brasileiro, atuou como Diretor-Geral da Instrução Pública.

⁹ Jurista, educador e escritor brasileiro, propagou os fundamentos do movimento Nova Escola.

¹⁰ Educador e escritor brasileiro, foi Secretário de Interior, Justiça e Educação do estado de Pernambuco.

introduzidas pela reforma para o ensino normal, inglês e sociologia, também eram vistas como importantes para a eugenia no meio escolar (ARAÚJO, 2009). Segundo Carneiro Leão, a sociologia teria um papel conscientizador dos problemas sociais. Entretanto, existe o questionamento de como tal objetivo seria alcançado se a língua inglesa continuava "vetada ao magistério primário".

Arantes (2016) analisa a eugenia no discurso de intelectuais pernambucanos. Podemos destacar, entre eles, o discurso de Ulysses Pernambucano, que classificava as crianças "anormais" em verdadeiras e falsas. As verdadeiras seriam aquelas portadoras de "cérebro enfermo"¹¹ e as falsas como sendo as de "cérebro são". Para as falsas, o retardo seria causado por lesões de órgãos e, assim, estas não conseguiriam acompanhar os normais. O problema dos falsos anormais, segundo Pernambucano (1918), poderia ser resolvido com a correção dos defeitos auditivos e visuais e, até mesmo, dentários.

De acordo com a autora supracitada, Ulysses Pernambucano atribuía as prováveis causas das anormalidades infantis ao alcoolismo, à sífilis, à tuberculose, à doença de chagas e outras. Arantes afirma, ainda, que Ulysses se baseava em Galton para explicar a existência de "talentos natos". É provável que, além da existência de talentos natos, Ulysses acreditasse na inferioridade intelectual dos negros, já que, para Galton, a média de inteligência da raça negra era menor em relação à raça branca.

Masiero (*Apud* Arantes, 2014, p. 369.) menciona um levantamento realizado por Ulysses Pernambucano juntamente com Helena Campos que indicava a existência do dobro de doentes mentais negros nas unidades psiquiátricas do estado de Pernambuco, em relação às outras raças reunidas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da análise dos dados levantados durante a pesquisa, é possível perceber a importância que a educação possui para o movimento eugênico. Para o fundador e diretor do Boletim de Eugenia, a educação serviria como uma forma de acelerar a socialização de medidas para o desenvolvimento de uma geração eugenizada.

¹¹ Grifo da autora, p. 367.

As mudanças que a revolução industrial provoca na sociedade brasileira durante as primeiras décadas do século XX, resultam em uma necessidade de modernização do Brasil. Mas essa modernização não se daria apenas por meio de investimentos em infraestrutura e urbanização. Os discursos mostram a “regeneração” da raça por meio dos ideais eugênicos como sendo um instrumento civilizador que traria progresso ao Brasil (Souza, 2008, p. 16).

Os anúncios mostram o reflexo dos ideais eugênicos na sociedade por meio das ações higienistas. Porém, esses anúncios não são apenas reflexo do que já estava consolidado na sociedade. Chartier (1990) demonstra como as representações não retratam apenas a realidade, mas também concorrem com ela para moldá-la.

Portanto, um anúncio de escola que retratava ações higienistas no meio escolar poderia despertar em seu público alvo um sentimento de necessidade que antes não existia em relação às ações higienistas. As informações acerca da estrutura das instituições de ensino e das ações higienistas, eram não apenas uma forma de atender as diretrizes de órgãos como a Inspeção de Higiene, mas principalmente eram um instrumento de propagação dos ideais eugênicos.

A eugenia preventiva trouxe ao Brasil a preocupação com a higienização dos corpos e dos espaços escolares, pois, para os eugenistas, era necessário que as boas características físicas não fossem desperdiçadas e, muito menos, pudesse sofrer alguma “degeneração” devido ao meio. E, desta forma, a partir do movimento eugênico, passou a existir certa preocupação com os prédios escolares. Estes deveriam estar longe de aglomerações populacionais, evitando, assim, epidemias. Além da localização, estes deveriam possuir boa iluminação para não se tornar uma fábrica de míopes (GONDRA, 2015, p. 506). Essa preocupação fica clara nos anúncios de escolas encontrados nas páginas do Diário de Pernambuco, bem como é ressaltada a presença do médico escolar.

A respeito do uso da antropometria nas escolas, podemos perceber a relação do desenvolvimento físico com a inteligência escolar. Essa seleção dos alunos por aptidões físicas e intelectuais nos mostra que, embora educação fosse um importante instrumento do eugenismo, ela era limitada apenas ao desenvolvimento das habilidades geneticamente pré-determinadas. Deveria existir um cuidado para que as péssimas condições sociais e uma educação mal gerenciada não atrapalhassem no desenvolvimento físico, psíquico e moral do indivíduo. Então cuidar dessas questões era tido como um senso de responsabilidade tanto com a raça quanto com a nação.

FONTES UTILIZADAS

ALBUQUERQUE, J. Educação Sexual da Criança. **Revista Medica de Pernambuco**, Recife, ano 4, n. 10, p. 256-257, out. 1934.

CAMPOS, G. de.; MACEDO, A. Contribuição à antropometria do escolar recifense. **Revista Medica de Pernambuco**, Recife, ano 4, n. 3, p. 125-131, mar. 1934.

CAMPOS, G. de. Distrofias dentárias nos escolares do Recife. **Revista Medica de Pernambuco**, Recife, ano 4, n. 9, p. 167-170, set. 1934.

CAMPOS, G. de. MACEDO, A. Contribuição à antropometria do escolar recifense. **Revista Medica de Pernambuco**, Recife, ano 4, n. 3, p. 125-131, mar. 1934.

DECROLY, O. A seleção dos bem dotados. **Boletim de Eugenia**, Rio de Janeiro, ano 1, n.10, p. 1-2, out. 1929. Disponível em:
<<http://old.ppi.uem.br/gephe/BE/BEAno1N10Out1929.pdf>>. Acesso em: 29 ago. 2017.

GYMNASIO de Garanhuns. **Diário de Pernambuco**, Recife, ano 105, 22 jan. 1930. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/docmulti.aspx?bib=029033&pesq=>>>. Acesso em: 15 jun. 2020.

GYMNASIO do Recife. **Diário de Pernambuco**, Recife, ano 105, 01 jan. 1930. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/docmulti.aspx?bib=029033&pesq=>>>. Acesso em: 12 mai. 2020.

INSTITUTO Spencer. **Diário de Pernambuco**, Recife, ano 105, 07 jan. 1930. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/docmulti.aspx?bib=029033&pesq=>>>. Acesso em: 12 mai. 2020.

A VISITA do Governador do Estado, hontem, ao Gymnasio de Pernambuco. **Diário de Pernambuco**, Recife, 08 jan. 1930. Disponível em:
<<http://memoria.bn.br/DocReader/docmulti.aspx?bib=029033&pesq=>>>. Acesso em: 15 jun. 2020.

EDGAR, J. Eugenia e Patriotismo. **Boletim de Eugenia**, Rio de Janeiro, ano 1, n. 3, p. 2, mar. 1929. Disponível em: < <http://old.ppi.uem.br/gephe/BE/BEAno1N2Fev1929.pdf>>. Acesso em: 29 ago. 2017.

KEHL, R. Educação e eugenia. **Boletim de Eugenia**, Rio de Janeiro, ano 1, n. 9, p. 1-2, set. 1929d. Disponível em: <<http://old.ppi.uem.br/gephe/BE/BEAno1N9Set1929.pdf>>. Acesso em: 29 ago. 2017.

KEHL, R. Instituto Brasileiro de eugenia: ligeiro esboço – fins do instituto – O que é necessário fazer. **Boletim de Eugenia**, Rio de Janeiro, ano 1, n.2, p. 1, fevereiro de 1929. Disponível em: <<http://old.ppi.uem.br/gephe/BE/BEAno1N2Fev1929.pdf>>. Acesso em: 29 de agosto de 2017.

KEHL, R. Eugenia e eugenismo. **Boletim de Eugenia**, Rio de Janeiro, ano 1, n.8, p. 1, agosto de 1929c. Disponível em: <<http://old.ppi.uem.br/gephe/BE/BEAno1N8Ago1929.pdf>>. Acesso em: 29 ago. 2017.

Kehl, R. O nosso boletim. **Boletim de Eugenia**, Rio de Janeiro, ano 1, n.1, p. 1-2, jan. 1929. Disponível em: <<http://old.ppi.uem.br/gephe/BE/BEAno1N1Jan1929.pdf>>. Acesso em: 29 ago. 2017.

LUNDBORG, Professor. Eugenia: hereditariedade e meio. **Boletim de Eugenia**, Rio de Janeiro, ano 1, n 1, p. 3-4, jan. 1929. Disponível em: <<http://old.ppi.uem.br/gephe/BE/BEAno1N1Jan.1929.pdf>>. Acesso em: 29 ago. 2017.

HUERTA, L. Os fundamentos científicos da eugenia. **Boletim de Eugenia**, Rio de Janeiro, ano 1 n. 8, p. 1-3, ago. 1929. Disponível em: <<http://old.ppi.uem.br/gephe/BE/BEAno1N8Ago1929.pdf>>. Acesso em: 29 ago. 2017.

MIRANDA, Waldemir. Relatório apresentado ao inventor federal no estado por Waldemir Miranda em 29 de dezembro de 1930. **Diretoria de Higiene**. Recife, Imprensa Oficial, 1930.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARANTES, A. S. Discursos sobre eugenia, higienismo e racialização nas escolas primárias pernambucanas (1918-138). In: Fonseca M. V.; BARROS S. A. P. **A história da educação dos negros no Brasil**. Niterói: EdUFF, 2016, p. 363-394.

ARAÚJO, C. A reforma Antônio Carneiro Leão no final dos anos de 1920. **Revista Brasileira de História da Educação**, Campinas, n. 19, p. 119-136, jan./abr. 2009. Disponível em: <<http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/rbhe/article/view/38560/20091>>. Acesso em: 19 jun. 2020.

ARAÚJO, J. C. Souza. **A imprensa, co-participe da educação do homem**. Cadernos de História da educação, v. 1, n.º. 1, 2002.

BONFIM, P. R. **Educar, higienizar e regenerar: uma história da eugenia no Brasil**. Jundiá: Paco Editorial, 2017.

BURKE, P. **O que é história cultural?** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

CHARTIER, R. **A história cultural: entre práticas e representações**. Rio de Janeiro, RJ: Bertrand Brasil, 1990.

FARIA FILHO, L. M. O jornal e outras fontes para a história da educação mineira do século XIX: uma introdução. In: ARAÚJO, Jose Carlos; GATTI, Décio (org). **Novos temas em história da educação brasileira: instituições escolares e educação na imprensa**. Campinas: Autores associados, 2002.

GONDRA, J. G. Medicina, higiene e educação escolar. In: LOPES, E. M. T. **500 anos de Educação no Brasil**. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.

MELLO, W. Ulysses Pernambucano: o enamorado da liberdade. **Revista Mnemosine**, Campinas, n. 19, p. 119-136, jan./abr. 2009. Disponível em: <<http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/rbhe/article/view/38560/20091>>. Acesso em: 19 jun. 2020.

MIRANDA, Carlos Alberto Cunha. Uma estranha noção de ciência: repercussões do pensamento eugênico no Brasil. In: **CLIO - Revista de Pesquisa Histórica**, nº 27-1, 2009. Programa de Pós-graduação em História / UFPE. Recife, PE: Editora da UFPE. p. 279 - 330.

MUNANGA Kabengele. **Rediscutindo a mestiçagem no Brasil: identidade nacional versus identidade negra**. Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2004.

PACHECO, A. As implicações do conceito de representação em Roger Chartier com as noções de *habitus* e *campo* em Pierre Bourdieu. **ANPUH - XXII Simpósio Nacional de História**. Londrina, 2005.

PESSOA, M. S. A. **A educação durante a república velha em Pernambuco: um estudo sobre a Reforma Educacional de Carneiro Leão entre os anos 1928 e 1930**. 2015. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2015.

SILVA, A. A. **A imprensa Pernambucana (1889-1910): aspectos teórico- metodológicos da utilização do jornal na pesquisa histórica**. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2003.

STEPAN, N. L. **A hora da eugenia: raça, gênero e nação na América Latina**. Rio de Janeiro: Editora Focus, 2005.

SCHNEIDER, E. M.; MEGLHIORATTI, F. A. A influência do movimento eugênico na constituição do sistema organizado de educação pública do Brasil na década de 1930. In: **IX Seminário ANPED SUL**, 2012, Caxias do Sul, 2012. Disponível em: <[Revista Temas em Educação, João Pessoa, Brasil, v. 29, n. 3, p. 152-171, set./dez., 2020](http://www.ucs.br/etc/conferencias/index.php/anpedsul/9anpedsul/paper/viewFile/963/59#:~:text=Analisando%20a%20influ%C3%Aancia%20do%20movimento,ideais%20eug%C3%AAnicos%20para%20a%20educa%C3%A7%C3%A3o.>>. Acesso em: 06 out. 2017.</p></div><div data-bbox=)

SOUZA, Vanderlei. Por uma nação eugênica: higiene, raça, identidade nacional no movimento eugênico brasileiro dos anos 1910 e 1920. *Revista Brasileira da ciência*, Rio de Janeiro, v. 1, n. 2, p.146-166, jul/dez 2008. Disponível em: https://www.sbhc.org.br/arquivo/download?ID_ARQUIVO=74. Acesso em 21 de out de 2020.

TEIXEIRA, A. **Educação no Brasil**. 2. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional – MEC, 1976.

SOCIAL REPRESENTATIONS ABOUT EDUCATION AND EUGENICS IN PERIODICALS THAT CIRCULATED IN PERNAMBUCO (1929 TO 1934)

ABSTRACT

This text aims to understand the social representations about education, hygiene and eugenics present in periodicals which have circulated in Pernambuco in the late 1920s and early 1930s. This research is based on the concept of representation by Roger Chartier (1990) and the concept of eugenics presented by Nancy Leys Stepan (1991). We used as sources the *Revista Medica de Pernambuco* (Pernambuco Medical Journal), the report of the Board of Hygiene presented by Walmir Miranda in 1929, editions of the *Diário de Pernambuco* (Pernambuco Diary) in 1930 and the *Bulletin of Eugenics* in 1929. The data showed that education no longer cares only about the student's intellectual, but takes into consideration the constitutional or biological factors of the student. Considering these data, we concluded that concern with the school's physique was seen as a sense of responsibility to society. Consequently, it was necessary to rethink education and school spaces to prevent a potential from being lost.

Keywords: Eugenia. Periodicals. Social representations.

REPRESENTACIONES SOCIALES SOBRE EDUCACIÓN Y EUGENESIA EN LAS PUBLICACIONES PERIÓDICAS QUE CIRCULARON EN PERNAMBUCO (1929 A 1934)

RESUMEN

El presente texto tiene por objeto comprender las representaciones sociales en materia de educación, higiene y eugenesia presentes en las publicaciones periódicas que circularon en Pernambuco a finales del decenio de 1920 y principios del de 1930. Esta investigación se basa en el concepto de representación de Roger Chartier (1990) y en el concepto de eugenesia presentado por Nancy Leys Stepan (1991). Utilizamos como fuentes la *Revista Medica de Pernambuco*, el informe de la Junta de Higiene presentado por Walmir Miranda en 1929, las ediciones del *Diário de Pernambuco* en 1930 y el *Boletín de Eugenesia* en 1929. Los datos mostraron que la educación ya no se preocupa sólo por el intelectual del estudiante, sino que toma en consideración los factores constitucionales o biológicos del estudiante. Considerando estos datos, concluimos que esta preocupación por el físico de la escuela fue vista como un sentido de responsabilidad hacia la sociedad. Por lo tanto, era necesario repensar la educación y los espacios escolares para evitar que se perdiera un potencial.

Palabras clave: Eugenia. Periódicos. Representaciones sociales.

Submetido em: agosto de 2020.

Aprovado em: outubro de 2020.

Publicado em: novembro de 2020.